

vista e com conseqüências bastante distintas. Enquanto, no caso das empregadas, esta consciência se expressa numa ênfase nas oposições de classe e resulta na recusa ou forte resistência em aceitar alianças com o movimento feminista, que, a seu ver, é um movimento de patroas (que, aliás, poderiam ser suas patroas), para essas últimas, cuja ação se orienta pelo ideal da solidariedade de gênero, a percepção do antagonismo traz, principalmente, um misto de culpa e frustração. A análise de Mary Goldsmith resume brilhantemente este impasse: "o emprego doméstico tem sido uma pedra no sapato do feminismo latino-americano, dado que as próprias feministas empregam domésticas. As feministas de classe média são forçadas a reconhecer que, freqüentemente, só são capazes de ter uma participação política porque uma pobre empregada arca com uma grande parte de sua dupla jornada. Esta situação gera uma relação de poder tensa, que é a antítese da fraternidade feminista".

Assumir as empregadas domésticas como objeto de estudo, portanto, é, sobretudo para as mulheres latino-americanas e caribenhas de classe média, colocar-se inevitavelmente face ao dilema de uma desigualdade patente no interior do próprio gênero. Desigualdade tanto mais patente porque extremamente próxima e familiar, literalmente doméstica. Desigualdade tanto mais perturbadora porque não apenas testemunhada, mas exercida e perpetuada por elas mesmas no seu cotidiano. Não há como pensar as empregadas domésticas sem nos vermos no espelho de

nossos próprios bastidores. Uma aventura nada fácil do ponto de vista existencial, mas que pode ter grandes conseqüências do ponto de vista da produção teórica e da ação política.

Uma aventura que Elsa Chaney e Mary Castro assumem corajosamente. E, com tamanha audácia, que optam por dar voz presente ao próprio grupo investigado. Num certo sentido, por dar-lhes a palavra final, pois é com depoimentos de líderes dos movimentos de empregadas domésticas e a reprodução de documentos produzidos por suas organizações que concluem a parte de conteúdo de seu livro.

Pelo pioneirismo de seu esforço e riqueza de suas informações, *Muchacha, Cachifa, Criada, Empleada, Empleadina, Sirvienta y... Más Nada é*, indiscutivelmente, para todos os que se interessam pelas relações de gênero, em suas múltiplas dimensões, uma obra de referência obrigatória. Se, de fato, de acordo com a avaliação das organizadoras, "o trabalho acadêmico sobre o serviço doméstico tem constituído uma série de esforços desconexos, não sustentados por um conceito teórico central" e "a maioria dos artigos incluídos .. são mais descritivos que teóricos", eles possuem o valioso mérito de expor dilemas e instalar perplexidades que não dizem respeito apenas ao seu objeto de estudo específico, mas que apontam para a necessidade de repensar alguns aspectos centrais tanto da teoria quanto da prática política que vem sendo desenvolvida no campo do feminismo.

ILANA STROZENBERG ■

Perversa lucidez da nostalgia

Luz Del Fuego, a Bailarina do Povo.

AGOSTINHO, Cristina, PAULA, Branca de e BRANDÃO, Maria do Carmo.

São Paulo: Best-Seller, 1994.

Ela nasceu Vivacqua, em 21 de fevereiro de 1917, numa segunda-feira de Carnaval, ladeada, seguramente, por apaixonados pierrôs, ladinos arlequins e trêfegas colombinas renunciando o que estava por vir, e foi batizada com o nome de Dora; referia-se ao sobrenome insinuando divertida o forte sentido: água-viva.

Quando da primeira apresentação no Circo Pavilhão Azul anuncia-se como Luz Divina. Depois, já mais decidida do rumo que pretendia para a vida artística e por mais uma jogada promocional, surge

como Luz del Fuego (o nome talvez evocasse estrangeirismo que na época fazia acorrer maior público para os espetáculos). Esses nomes tinham seu próprio cerimonial, uma lógica, uma estratégia. Não envolver a família e não ser perseguida por esta quando de suas fresloucadas atitudes. Eram acessos independentes à sua pessoa, variando em alcance. Contudo o nome Luz del Fuego, aquele que lhe marcou a parte mais madura da vida, expressa o que ela considerava essencial: uma identidade absoluta e única, sem o precedente familiar; obviamente, nunca dispensando as formas adjetivadas que tanto lhe massageavam o ego, atreladas à sua pessoa e estampadas nas matérias de jornais, exótica, exibicionista, megalomaniaca, bailarina do povo, a vedete das cobras, rainha do carnaval.. E a cada uma destas distinções, irrequieta, forjava melhor a cunha que iria bater no muro bem arumado do instituído,

enquanto mais e mais se indisponha com a família.

A vida de Luz tem um segredo que toca fundo a nossa alma, nos seduz pela irreverência, pelo destemor em se fazer notar sempre e publicamente rompendo padrões sociais estabelecidos para a época (décadas de 40 e 50): coloca-se a favor do aborto e do divórcio desprezando posturas mofadas de esposas bem comportadas. Abomina a virgindade hipócrita, considera a um estorvo *Alardeia que o viver é inseparável do sentir. Inocente hálito de Rousseau e uma tênue idéia do Clube Naturalista? Talvez... Os Devaneios de um Caminhante Solitário* lhe chega às mãos, fortuitamente, como presente do irmão Achilles (poeta modernista do Grupo Verde) preocupado com sua saúde mental, pois Luz acabara de sair de um hospital psiquiátrico de Belo Horizonte, resultado de uma das inúmeras e sórdidas arimanhas familiares que tentava mais uma vez conter, drasticamente, o gênio voluntarioso da ruidosa Dora.

Por todos estes motivos e talvez ainda pela arguta característica da alma feminina em rastrear o que é essencial, Cristina Agostinho, Branca de Paula e Maria do Carmo Brandão, num empenho de três anos de pesquisa financiada pela Fundação Vitae, fazem chegar às nossas mãos para deleite e prazer o produto deste esforço: *Luz del Fuego, A Bailarina do Povo - uma biografia* - 267 páginas recheadas com três conjuntos de fotos de época e de arquivos de família e mais a transcrição do primeiro número da revista ilustrada do Clube Naturalista Brasileiro.

Notadamente, uma biografia desenha e conta a vida e, sem que se comprometa a reflexão, pode ser comparada à fotografia: é sem futuro. O registro nos é dado como um todo: o nascimento, a existência, a morte. Não se rememora o passado, apenas se confirma que aquilo que apreendo pela leitura existiu realmente, como se condensássemos num instantâneo abrangente toda uma vida e a fixássemos num retrato, congelando-a. Sem dúvida o que dá sabor memorialista a uma biografia é seu conteúdo irrefutável de tempo que já se foi. Intocável, insinua e só permite uma ligação ambígua entre eu (leitor) e aquela versão de mundo condensada e relatada (o texto/biografia).

Um lado e outro dessa ligação está sempre sendo redescoberto ora em assalto à realidade do texto ora em submissão. O objeto e o espaço do que foi vivido, lembra W Benjamin, é finito, "ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois"¹. O arranjo encontrado pelas autoras, a forma romaneada, dá conta deste fluxo e refluxo

sem imprimir arbitrariedade de ritmo na leitura, garantindo o impacto emocional. A forma romaneada confirma por sua vez as virtudes originais do estilo, permitindo que através dos padrões orientadores desse jogo da escrita seja traçado o panorama da época em que Luz viveu.

Aí então as dimensões sociais, as referências a lugares e as manifestações e o comportamento da classe social se tornam ingredientes nucleares representando e desmascarando os costumes vigentes à época, amalgamados de tal forma que vamos a cada capítulo sucumbindo a esta deliciosa traição metódica e ordenada do contar das autoras, nos tornando cúmplices das aventuras e desventuras de Luz.

Apenas se coloca uma questão: observado o teor documental e funcional de uma biografia, sente-se falta de uma cronologia mais clara, um vetor que propiciasse orientação para o leitor menos avisado quanto aos períodos e ganchos históricos aludidos. Oportunidade que as autoras perdem, deixando de suscitar no leitor a saudável curiosidade sobre o momento cultural vivido nas décadas de 40 e 50, reconhecidas pela sua originalidade enquanto manifestação do gosto popular. Deixa de emergir como parte integrante desta análise (e é um pecado) o perfil da vedete, presença indiscutível no imaginário social da época.

Os cantores com voz de ouro, acrobatas, sambistas, *starlet girls*, coreógrafos inspirados, excêntricos, grandes cômicos e os recursos notáveis da *féerie* não são cenários estranhos à passagem de Luz, é neste universo que ela transita tentando projeção e reconhecimento. O espírito loução, a sátira política e a fina chalaça, ingredientes do Teatro de Revista da época, eram os emolentes para as aparições meteóricas de Luz del Fuego seminua desfilando na avenida sobre um carrinho da Kibon. Cá para nós, saboroso mênfo pois com estas atitudes ela apurava o deboche a ponto de fazer emergir, sagazmente, o quinhão hipócrita da sociedade do *double-sense*. Verdadeiros casos de polícia como noticiavam os jornais.

É simplesmente aí que reside a imperfeição desse trabalho: na ausência de uma cronologia clara e orientadora que incitasse o leitor a refletir e "perverter-se" no campo da crítica social e de costumes daquela época.

Pois fora isto a biografia nos sacia, e faz reconhecer o trabalho árduo das autoras através da tomada de depoimentos e em consultas a material impresso, desenterrando dessa memória os vestígios. "Dela restavam, pois, vagas lembranças, fotos, matérias de jornais, revistas e a filha onde viveu; um ou outro amigo, algum *partner*

¹ BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas*, vol. I. São Paulo: Brasiliense, 1987.

² Vitória sobre a Lata de Lixo da História. Folhetim 427, *Folha de S. Paulo*, 1985

dos áureos tempos de bailarina e poucos parentes dispostos a desenterrar a ovelha negra da família." A tarefa é organizar estes vestígios para com eles construir uma coerência, fundindo-os sem com isto perder a noção de fragmento, dado tão precioso quando se pretende biografar.

O fragmento, comenta J.-C. Bernardet, "não é uma arbitrariedade estilística, mas é a própria forma da história derrotada, motivo pelo qual, mesmo na busca da coerência e da significação, o caráter fragmentário não pode nunca ser abandonado"².

"Fácil? Não. Nada fácil despir alguém. Por mais nua que essa criatura já estivesse." Bem verdade, as autoras se superaram. Ao invés de despir foram lâmina a lâmina tecendo a pele desta criatura, indo do gesto ao pensamento, não só no trabalho custoso da pesquisa quanto na solução gráfica do volume. A cada capítulo se distingue uma frase de autoria de Luz, aquilo que chamo de signo de ocupação e que nos faculta uma outra forma de leitura além da convencional. Ler apenas as frases bombásticas de Luz que vão construindo grão por grão a sua verdadeira Ilha do Sol, a sua identidade, o seu espaço/continente.

Ao lê-las percebe-se a determinação de propósito crescendo a cada circunstância que a obrigava a tomar posição.

"Para a sede, temos a água, para a fome, o pão, para a imoralidade, a nudez."

"Num mundo que está progredindo dia a dia, os preconceitos continuam amarrados a um poste."

"Sou apolítica, mas vejo na ordem social uma **desordem**, porque os direitos dos cidadãos que deveriam vir da natureza e servir igualmente a todos, sem distinção, são fundamentados sobre convenções."

"Quería, com todas as minhas forças, ser possuidora de uma grande serpente, domesticá-la, dançar em público envolvendo-me em suas perigosas espirais, sentir-lhe o contato das escamas ásperas e frias."

"Agonizo pelo destino que antecipei em meu diário de vaidades."

"Não faço parte do sistema que prejudica a vida permitindo o mal. A liberdade do homem - seu maior progresso - deve ser mantida e respeitada a qualquer preço."

Subvertendo o modo de leitura formal tem-se o privilégio de, através das frases de seu diário, avaliar a temperatura da vida que irradia um modo arrebatador de ser. Toscos sistemas de transgressão.

Estar com uma biografia à mão é estar às vésperas do conhecimento com um molde transparente e líquido que permite nostalgicamente que nos orientemos pela memória e fluxos do coração. A nostalgia nos libera a lembrar só das partes boas mas é também um mecanismo perverso porque, com diz Garcia Marques, "quando a gente se salva esquecendo o que é ruim está vivendo fora da realidade".

Resvarei e também caí nesta armadilha. Folheando o testemunho de Eros Volússia flagrame num tempo imaginário. Um agosto de 1967 em plena baía de Guanabara. Hélio, o último amante, bronzeado e musculoso atracando o barco na ilha onde Luz del Fuego junto aos rochedos arquitetava. (...) "introduzir a plástica na música como num *maillot* tenuíssimo; transmutar em expressão e movimento os ritmos sonoros que nos penetram os sentidos, desenvolvendo-os na rapidez do milagre da arte; encarcerar vãos nos gestos, dando asas aos rastejos; empreender às melodias uma fuga do eu; traçar com o corpo, no espaço, as palavras profundas do silêncio, conter na elasticidade frágil da forma a alma de toda a natureza e a natureza de todas as almas; dançar! Dançar mesmo em quietude, com os olhos errantes, com os lábios trementes, com o sangue em palpação, com o pensamento espiralando para o alto; ser uma mensagem de carne radiosa, uma comunicação da terra com o céu"³.

SANDRA MARIA LAPEIZ ■

³ VOLUSSIA, Eros *Eu e a Dança* Rio de Janeiro Revista Continente Editorial, 1983.

AIDS e sexualidade: o ponto de vista indispensável

AIDS e Sexualidade: o ponto de vista das ciências humanas.

LOYOLA, Maria Andréa.

Rio de Janeiro: Relume-Dumará/UERJ, 1994.

Cada sociedade, cada período histórico, tem a sua doença, que é a metáfora dos seus

problemas. A doença é um acontecimento negativo que abala a inércia do sujeito e do seu meio social ao questionar a integração social e o equilíbrio da sociedade. As grandes epidemias ou enfermidades que marcaram certos momentos da história tiveram sua repercussão fantasmática no imaginário coletivo - conforme já afirmaram vários autores - com conseqüências